
INSPIRAÇÃO, ARTE DO IMPROVISO E ELABORAÇÃO ARTÍSTICA: REFLEXÕES A PARTIR DA ESTÉTICA DE HEGEL

**INSPIRATION, ART OF IMPROVISATION AND ARTISTIC ELABORATION:
REFLECTIONS FROM HEGEL'S AESTHETICS**

Gilfranco Lucena dos Santos¹

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma compreensão filosófica do papel da inspiração na elaboração artística a partir da concepção estabelecida por F. Hegel em seu *Curso de Estética*. Para tanto, toma-se aqui como paradigma de composição inspirada e elaboração artística a arte de improviso, típica do trabalho poético de artistas populares brasileiros, uma vez que o próprio Hegel toma a arte de improviso italiana como exemplar ideal para sua análise. Levando em conta as posições estabelecidas, de um lado, por Carlos Drummond de Andrade, para quem a inspiração assume um papel fundamental na experiência de elaboração poética, e, de outro lado, por João Cabral de Melo Neto, para quem, na poesia moderna trata-se muito mais de transpiração do que de inspiração, procuraremos mostrar como no pensamento hegeliano podemos notar que a inspiração e o trabalho da arte são ambos decisivos na criação artística. Mostraremos como essa síntese encontra-se perfeitamente desenvolvida na Poesia Popular de Improviso.

Palavras-chave: Poesia; Inspiração; Improvisação; Elaboração Artística; Hegel.

Abstract:

This article aims to develop a philosophical understanding of the role of inspiration in artistic elaboration based on the conception established by F. Hegel in his *Aesthetics Course*. To this end, improvisation art, typical of the poetic work of Brazilian popular artists, is taken here as a paradigm of inspired composition and artistic elaboration, since Hegel himself takes the Italian improvisation art as an ideal example for his analysis. Taking into account the positions established, on the one hand, by Carlos Drummond de Andrade, for whom inspiration plays a fundamental role in the experience of poetic elaboration, and, on the other hand, by João Cabral de Melo Neto, for whom modern poetry is much more about perspiration than inspiration, we will try to show how in Hegelian thought we can see that inspiration and the work of art are both decisive in artistic creation. We will show how this synthesis is perfectly developed in Popular Improvised Poetry.

Keywords: Poetry; Inspiration; Improvisation; Artistic Elaboration; Hegel.



¹ Doutor em Filosofia pelo Programa de Doutorado Integrado UFPB-UFPE-UFRN; Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

A arte popular brasileira sempre deu grande importância à inspiração, em especial a poética popular do repente e do improviso. Apenas para iniciar dando mostras dessa valorização da inspiração por parte da poética popular brasileira, faço referência aqui aos versos de dois consagrados poetas repentistas da poesia popular sertaneja, que são Severino Pinto (mais conhecido como Pinto do Monteiro) e Lourival Batista (conhecido por todos como o Louro do Pajeú. Em um desafio de viola, realizado na Fazenda Três Irmãos, em Caruaru, no dia 30 de maio de 1969, os dois poetas improvisaram uma décima, em forma de “dez pés a quadrão”, em que se manifesta com brilhantismo o valor da inspiração para a poética popular:

LB - Quem pra isso não nasceu
SP - Não pode cantar repente
LB - Não sendo bem consciente
SP - Não tem pensamento teu
LB - Também não imita o seu
SP - E nem nasceu no Sertão
LB - Não trouxe essa inspiração
SP - Que vem da parte divina
LB - Tem vontade e não combina
SP/LB - E lá vão dez pés a quadrão.²

Mesmo na poética brasileira erudita, a inspiração e seu papel merecem lugar de destaque. Apesar de contarmos com o testemunho contrário de João Cabral de Melo Neto, que disse certa feita em entrevista não ter “nada do poeta inspirado [...] que, de repente, tem um estalo, dá um estalo nele, ele senta e o poema sai pronto”³, temos, por ser turno, o depoimento de Carlos Drummond de Andrade, de quem podemos recordar o seguinte testemunho:

Eu acho, ao contrário das teorias modernas, que a inspiração existe. A inspiração é um momento em que você sente um impulso, às vezes criando até uma espécie assim de elevação ligeira da temperatura; você se sente assim um pouco inflamado, com o corpo quente assim, com uma vontade de fazer alguma coisa. Depois vem a razão, vem a análise; você vai fazer assim a frio o poema. Já agora com a razão mais do que com o sentimento, mas sem abandonar nunca o sentimento. Então, essa mistura, essa conjugação do sentimento e de raciocínio, a meu ver, é que vai tocando...⁴

Aqui nota-se que Carlos Drummond de Andrade percebe uma relativa oposição entre inspiração e raciocínio na elaboração poética. De acordo com João Cabral de Melo Neto, em sua brilhante conferência, proferida na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, no dia 13 de novembro de 1952, por

² A gravação deste desafio de viola encontra-se editada sob a direção de Geraldo Sarno e disponível em plataforma de multimídia em duas partes no sítio: Parte 1: <https://youtu.be/jaT4lYj8Sjk>; Parte 2: <https://youtu.be/ljLBMZUtS64>. Consulta feita em 13/09/2022.

³ Depoimento dado por João Cabral de Melo Neto em entrevista concedida ao jornalista Araken Távora, em 1977, e que foi veiculada no programa “O Mágicos”, da TVE-RJ. Encontra-se disponível digitalmente no sítio: https://youtu.be/GO_E62IBaEs. Consulta feita em 13/09/2022.

⁴ Trecho de entrevista concedida por Carlos Drummond de Andrade às jornalistas Leda Nagle e Theresa Walcacer, em 1982, disponível em: <https://youtu.be/huc9EFfY4Ag>. Consulta feita em 13/09/2022.

ocasião do curso de Poética promovido pelo Clube de Poesia do Brasil, intitulada *Poesia e Composição: a Inspiração e o Trabalho da Arte*:

Houve épocas [...] em que [...] inspiração e trabalho artístico não se opunham essencialmente. Isto é, não se repeliam como polos de uma mesma natureza. Nessas épocas, a exigência da sociedade em relação aos autores é grande. A criação está subordinada à comunicação. Como o importante é comunicar-se o autor usa os temas da vida dos homens, os temas comuns aos homens, que ele escreve na linguagem comum. Seu papel é mostrar a beleza no que todos vêem e não falar de uma beleza a que somente ele teve acesso.

Nessas épocas, a espontaneidade ganha novo sentido. Não é mais uma facilidade extraordinária de indivíduo eleito. É o sinal de uma enorme identificação com a realidade. Não é mais uma maneira de valorizar, indiscriminadamente, o pessoal. Nessa espécie de espontaneidade o que se valoriza é o coletivo que se revela através daquela voz individual. Como na poesia popular, funde-se o que é de um autor e o que ele encontrou em alguma parte. (Melo Neto, 2003, p. 25-26)

Neste sentido, notamos como não devemos considerar de menos valia, por ser popular, o caráter próprio da arte do improviso, fortemente presente no Nordeste Brasileiro através da arte dos cantadores de repente, emboladores e coqueiros. Nela, certamente também acontece aquele equilíbrio do qual ainda fala João Cabral, em que “o trabalho de arte inclui a inspiração” (Melo Neto, 2003, p. 26)⁵.

É neste sentido que neste trabalho pretendemos pensar como na reflexão filosófica hegeliana essa conexão profunda entre inspiração e elaboração artísticas se fazem sentir. Ao tratar do belo artístico ou do ideal, e do artista como o terceiro momento do ideal, depois do ideal enquanto tal e da determinação do ideal, Hegel faz referência à arte do improviso, ao tratar justamente do talento e do gênio como algo que pode ser considerado inato ao ser humano. A arte do improviso emerge como uma espécie de produção artística, que está conectada à nacionalidade de determinados povos. De acordo com Hegel, o improvisador produz sua arte não por ter decorado o seu conteúdo. Ao contrário, diz Hegel, “tudo nasce do conhecimento das paixões e situações humanas e do *entusiasmo* profundamente *atual*” (Hegel, 2015, p. 286)

O termo utilizado por Hegel no seu Curso de Estética para aquilo que aqui penso como inspiração é a palavra *Begeisterung*, traduzido pelo nobre tradutor deste curso no Brasil pelo termo que devém diretamente do grego *entusiasmo*. E uma vez que a *Begeisterung* nos remete diretamente ao grego *ένθουσιασμός* e ao latim *inspiratio*, podemos notar que, com estes termos, pretendemos nomear o mesmo fenômeno que Platão considerou próprio da poesia, e que os poetas populares do Nordeste do Brasil, bem como poetas eruditos como Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral de Melo Neto, compreenderam à luz da derivação latina da língua portuguesa pelo termo inspiração. Tal compreensão se dá em função da conexão direta do termo *inspiração* com o termo *espírito*, tanto na língua alemã como na língua latina e na língua portuguesa: *Geist/ Begeisterung; spiritus/ inspiratio; espírito/ inspiração*. Neste sentido, de acordo com Hegel, é justamente “na medida em que a obra de arte decorre do espírito” que “ela necessita de uma atividade subjetiva produtora, a partir da qual provém e, enquanto seu produto” é dirigido “para um outro”, isto é, “para a intuição e o sentimento do

⁵ No contexto da Poesia Erudita Brasileira também importa conferir o trabalho do Poeta e Filósofo Ensaísta Ângelo Monteiro, intitulado *A Supra-individualidade da Poesia e um Novo Conceito de Inspiração* (Monteiro, 2007, p. 57-62).

público” (Hegel, 2015, p. 281). Segundo ele, “esta atividade é a fantasia do artista” (Hegel, 2015, p. 281), sendo esta, aliada ao gênio (e talento) e ao entusiasmo (ou inspiração, *Begeisterung*), o primeiro ponto de vista a partir do qual se deve ter em conta a atividade do artista, a fonte donde emana o seu produto artístico.

A genialidade e o talento naturais

A fantasia designa a capacidade criadora, que não pode ser confundida com a imaginação meramente passiva. O desenvolvimento de tal capacidade criadora depende de três aspectos: o resguardo da memória do que interessa ao ser humano; a reflexão “sobre o essencial e verdadeiro, segundo toda a sua amplitude e toda a sua profundidade” (Hegel, 2015, p. 285) do que se resguarda nesta memória; a configuração em uma matéria deste seu conteúdo interior, que nele se move com profundidade e amplitude.

Quanto ao gênio, Hegel o define do seguinte modo: “o gênio é a capacidade *geral* para a verdadeira produção da obra de arte, bem como a energia para o desenvolvimento e o acionamento desta capacidade” (Hegel, 2015, p. 284). É a este gênio que é dada a capacidade e energia para não somente conceber a ideia na forma espiritual do pensar, mas configurar a ideia no elemento de um material sensível. De acordo com Hegel:

Assim como a própria beleza é a ideia realizada no sensível e no efetivo, e a obra de arte põe em relevo, para o olho e para a orelha, o espiritual na imediatez de sua existência, assim também o artista deve configurar, não na forma exclusivamente espiritual do pensar, mas no seio da intuição e da sensação e, mais precisamente, em relação a um material sensível e no elemento dele. (Hegel, 2015, p. 285)

Isto exige ao mesmo tempo o concurso do talento para o trabalho com o material próprio de sua arte. Segundo Hegel, a arte “abarca em si o aspecto dessa imediatez e naturalidade”, que “o sujeito não pode produzir em si mesmo, mas deve encontrá-lo em si mesmo como dado de modo imediato” (Hegel, 2015, p. 285); o que não quer dizer que a habilidade ligada ao talento não possa ser desenvolvida e aprimorada, mas, em certo sentido, “o talento e o gênio devem ser inatos”⁶ (Hegel, 2015, p. 285). Ao mesmo tempo, esta naturalidade do talento para o qual o artista revela uma tendência conatural descoberta em si mesmo, assume também um caráter nacional, que se encontra, segundo Hegel, “em conexão com o aspecto natural de um povo”⁷.

Desse modo, para Hegel, “a arte e sua espécie de produção determinada estão conectadas com a nacionalidade determinada dos povos” (Hegel, 2015, p. 286). E é com base nessa compreensão que ele atesta que os improvisadores se encontram principalmente na Itália e são de um talento admirável” (Hegel, 2015, p. 286), vindo a exemplificar que “um italiano ainda hoje improvisa dramas de cinco atos e isso sem ter decorado nada” (Hegel, 2015, p. 286).

⁶ O que está em total consonância com o que Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú cantaram na estrofe a qual nos referimos acima: “Quem pra isso não nasceu, não pode cantar repente”.

⁷ De novo, a consonância com o que cantaram os repentistas que citamos é explícita: “não pode cantar repente... e nem nasceu no Sertão”.

Com tal caracterização e compreensão, Hegel deixa entrever que a arte do improviso é reveladora de um talento, está conectada com a nacionalidade determinada dos povos, e é um campo aberto para a revelação e manifestação do gênio. Essa característica também se manifesta nos repentistas e improvisadores nordestinos e sertanejos. São improvisadores e repentistas cuja característica fundamental é produzir de repente versos não decorados, mas nascidos “do conhecimento das paixões e situações humanas e do entusiasmo [ou inspiração, *Begeisterung*] profundamente atual” (Hegel, 2015, p. 286). De acordo com Hegel, “quanto maior e mais rico for o talento e o gênio, tanto menos dificuldade ele encontrará para a aquisição das habilidades necessárias para a produção” (Hegel, 2015, p. 286). Segundo Hegel, isso acontece porque “o autêntico artista tem o *impulso natural* e a necessidade imediata de configurar imediatamente tudo o que possui em sua sensação e representação” (Hegel, 2015, p. 286)

Segundo Hegel, o que demonstra o *caráter inato* do talento e do gênio é o fato de que “este modo de configuração” própria de um artista, tal como o improvisador ou o repentista, é a sua maneira de sentir e de intuir, que ele encontra em si mesmo sem esforço, como o órgão autêntico adequado para ele” (Hegel, 2015, p. 286). O repentista, por exemplo, traz consigo um “dom de execução efetiva” (Hegel, 2015, p. 287), que se manifesta profusamente em uma situação de entusiasmo ou inspiração profundamente atual, viva e prenhe de pleno desenvolvimento amplo e profundo. Como diz Hegel:

O que vive em sua fantasia logo lhe vem, desse modo, como que aos dedos, tal como nos vem à boca a expressão do que pensamos ou tal como nossos pensamentos, representações e sentimentos os mais íntimos aparecem imediatamente em nós na postura e nos gestos. (Hegel, 2015, p. 287)

Neste sentido, continua Hegel:

O *genius* autêntico desde sempre soube facilmente lidar com o aspecto externo da execução técnica e mesmo o material mais pobre e aparentemente mais inadequado ele também forçou de tal modo que este teve de acolher em si mesmo e expor as formas interiores da fantasia. (Hegel, 2015, p. 287)

Nisso difere, segundo Hegel, a genialidade inata da mera habilidade exterior adquirida pelo estudo e pelo exercício:

O que desse modo reside imediatamente nele, o artista deve, na verdade, exercitar até a habilidade completa; a possibilidade da execução imediata, contudo, deve igualmente estar nele enquanto dom natural; caso contrário, a habilidade meramente apreendida nunca levará a uma obra de arte viva. (Hegel, 2015, p. 287)

A inspiração e o trabalho artísticos

Hegel compreende o entusiasmo como “a atividade da fantasia”; e, desse modo, a inspiração e a “execução técnica” são “consideradas enquanto estados no artista” (Hegel, 2015, p. 287). Resta-nos explicitar, contudo, em que consiste propriamente esse estado. Hegel o pensa dialeticamente como um estado que se constitui na subjetividade criadora em função da objetividade criada. Trata-se de um estado pelo qual o gênio artístico, dotado de talento, se inflama por e se faz presa de

um conteúdo determinado, que ele captura na fantasia para expressá-lo artisticamente. Designa, portanto, diz Hegel, “o estado deste próprio configurar ativo – tanto no intuir subjetivo quanto também na execução objetiva da obra de arte” (Hegel, 2015, p. 288).

De acordo com Hegel, nem o mero estímulo sensível nem a simples intenção espiritual são suficientes para despertar o entusiasmo. Ele pressupõe o talento natural e o gênio, que “entra em relação com uma matéria dada que se encontra diante dele, na medida em que [...] se encontra desafiado em si mesmo para configurar esta matéria e em geral se exteriorizar nela” (Hegel, 2015, p. 288). Daí o caráter de expressão da configuração. É até possível que, como diz Hegel, “a ocasião para a produção” provenha “do exterior” (Hegel, 2015, p. 288); contudo, tal ocasião e figuração exterior demanda “que o artista conceba o interesse essencial e deixe o objeto ser nele mesmo vivo” (Hegel, 2015, p. 288). Em todo caso, é tocado por essa demanda exterior que o artista se vê despertado para o trabalho da forma nele concebida, e passível de um desenvolvimento que se torna a expressão do modo como o interesse essencial do artista cultiva a forma semeada em seu interior e se torna capaz de vir à expressão. Esta inspiração ou “entusiasmo do gênio vem por si mesmo” (Hegel, 2015, p. 288).

Ocasões e formas sensíveis que tocam o espírito do artista não passam indiferentes à sensibilidade artística do gênio. Isto é, o que constitui o diferencial da experiência de mundo, próprias do gênio artístico. Como diz Hegel: “Um artista autenticamente vivo encontra justamente por meio desta vitalidade milhares de ocasiões para a atividade e o entusiasmo – ocasiões pelas quais os outros passam, sem serem por elas tocados” (Hegel, 2015, p. 288-289). Ser tomado plenamente pela forma sensível emergente e que desperta seu interesse essencial é aquilo que constitui fundamentalmente o entusiasmo ou inspiração. Mas ela atua de tal modo no gênio artístico até ao ponto em que este se torna capaz de liberá-la para seu desenvolvimento mais próprio. Por isso, Hegel entende que: se, por um lado, aquilo “em que consiste o entusiasmo artístico” é que “ele nada mais é do que ser preenchido completamente pela coisa” (Hegel, 2015, p. 289), de tal modo que não convém ao artista senão “estar totalmente presente na coisa e não descansar até o momento em que a forma artística estiver *exprimida* e em si mesma acabada” (Hegel, 2015, p. 289); por outro lado, o artista precisa “saber esquecer sua particularidade subjetiva e as particularidades contingentes dela” e, desse modo, seja, “enquanto sujeito”, apenas a “Forma para dar forma ao conteúdo que o prendeu”, isto é, “o órgão e a atividade viva da própria coisa” (Hegel, 2015, p. 289). Neste sentido, ser tomado pela coisa é o que fundamentalmente caracteriza a inspiração.

Para o “artista autenticamente vivo”, como diz Hegel, apresentam-se “milhares de ocasiões para a atividade e o entusiasmo”, e “justamente por meio desta vitalidade” (Hegel, 2015, p. 288-289). É justamente em função desta vitalidade, com a qual o artista experimenta essas ocasiões, que emerge a diferença no modo com que este capta o que se lhe apresenta nas diversas ocasiões de sua vida, ocasiões “pelas quais os outros passam, sem serem por elas tocados” (Hegel, 2015, p. 289). O artista se torna também capaz de comunicar aos outros, por sua arte, o modo como foi tocado pela experiência e pelo que nela adveio, a ponto de inspirá-lo, uma vez que foi tomado de um determinado modo, passível de ser exposto, por tal experiência. O artista é tocado de uma maneira diferente pelas ocasiões que se lhe apresenta, o que lhe permite tomar e expor aquilo que o tocou e segundo um modo específico como foi tocado. Desse modo, o que caracteriza a inspiração não é um

acontecimento extraordinário, mas um modo incomum de ser tocado pela experiência ordinária e comum. A inspiração se manifesta como um modo incomum como se é tocado pela experiência comum, e por aquilo que se mostra e se manifesta na experiência comum. Chamo de *forma plástica* esse conteúdo que se manifesta na experiência comum, que toca o artista, inspirando-o a expô-la na forma de sua arte e conveniente a tal objeto. É esta forma e seu conteúdo que o artista capta de uma maneira singular. Ela se revela a ele como uma semente fecunda, prenhe de desenvolvimento.

Desse modo, podemos elaborar a seguinte compreensão daquele estado, que denominamos inspiração: a inspiração é a captação intuitiva, espontânea e instantânea de uma forma plástica simples, facilmente compreensível e passível de desenvolvimento ulterior, que emerge na e para a consciência (imaginação ou fantasia) criadora do artista. A forma plástica emerge na experiência do artista, e se torna conteúdo de sua imaginação criadora consciente.

A emergência dessa experiência na infância e na cultura popular precisa ser esclarecida. De acordo com Hegel, pode acontecer que aquela forma plástica e seu conteúdo, a ser exposto em favor de seu pleno desenvolvimento artístico, apesar de ser apreendida na profundidade do ânimo inspirado, não alcance essa plenitude do interesse espiritual propriamente artístico ou estético. Segundo Hegel, quando isso acontece, apesar de aquele estímulo sensível ter sido apreendido “com a interioridade do ânimo”, pode acontecer que esta interioridade artística permaneça fechada e concentrada em si, de tal modo que “não pode firmar-se em clareza consciente e chegar ao verdadeiro desdobramento” (Hegel, 2015, p. 289). De acordo com Hegel: “A eloquência do páthos limita-se a anunciar-se com riqueza de pressentimento, por meio de fenômenos exteriores, nos quais ressoa, sem possuir a força e a formação para poder explicar a natureza plena do conteúdo” (Hegel, 2015, p. 289). Um exemplo desse estado da objetividade da forma plástica inspirada se manifesta justamente na cultura popular. Como nos recorda Hegel: “Principalmente os cantos populares pertencem a este modo de exposição” (Hegel, 2015, p. 289-290).

Conclusão

Tais considerações de Hegel nos ajudam a pensar como compreender o estado da arte na fecundidade natural de seu solo emergente e das formas possíveis em que ela subsiste ou remanesce nesse estado fundante, original, originário, singular e rico de expressões e expressividade criativa; isso de tal forma que possamos pensar os modos como ela se constitui, se sustenta e se mantém nas culturas populares e na vida dos indivíduos em suas diversas fases. Especialmente as expressões artísticas infantis, das culturas populares telúricas e seus jogos, brincadeiras ou folguedos constituem-se como como solo da fecundidade artístico-criativa, e deixam-se pensar por essas indicações. Elas são tão artísticas quanto às formas trabalhadas e desenvolvidas pelo artista erudito, mas remanescem “simples quanto ao exterior” (Hegel, 2015, p. 290), praticamente na captação primigênia em que emergem.

Referências

HEGEL, G. W. Friedrich. *Cursos de Estética*. Volume 1, trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2015.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia e Composição: A inspiração e o trabalho da arte*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

MONTEIRO, Ângelo. A supra-individualidade da Poesia e um novo conceito de inspiração. *Revista Perspectiva Filosófica*, v. I, n. 27, p. 57-62, jan./jun., 2007.

Recebido em: 06/2023
Aprovado em: 08/2023